

EMPREGO NO BRASIL: SUSTENTABILIDADE E MUDANÇAS

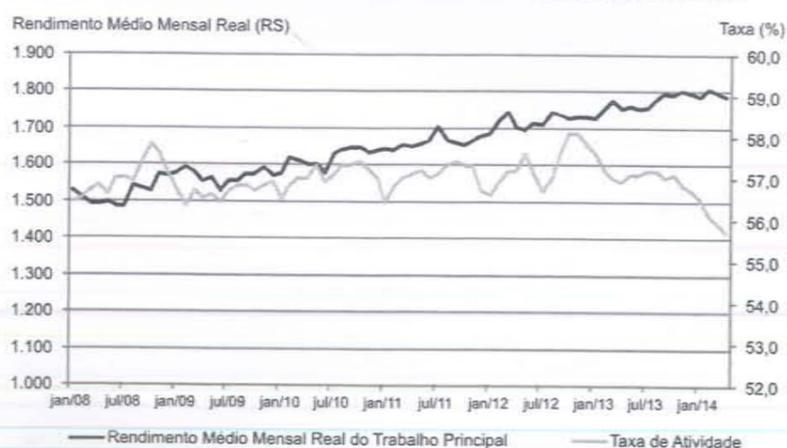
Francisco José Gouveia de Castro*
Julio Takeshi Suzuki Júnior**

No dia 22 de maio¹, o IBGE anunciou que o contingente de desocupados em seis regiões metropolitanas brasileiras correspondeu a 4,9% da População Economicamente Ativa (PEA), relativamente a abril de 2014, representando o quinto menor percentual em uma extensa série de 146 resultados e o mais baixo patamar para o quarto mês de um ano civil. Poucos dias depois, o mesmo instituto divulgou que a taxa de desemprego no País, incluindo também áreas não metropolitanas, alcançou 7,1% no primeiro trimestre do presente exercício, ficando abaixo dos 8,0% registrados em idêntico período de 2013.

Não obstante a diferença entre os números das duas pesquisas, devido, entre outras questões metodológicas, às distintas abrangências territoriais e delimitações da População em Idade Ativa (PIA), é inegável o aquecimento do mercado de trabalho brasileiro, que provavelmente se aproxima da condição de plenitude do emprego, a despeito das módicas taxas de crescimento do produto econômico. Não fosse assim, diante das elevações reais dos rendimentos laborais que vêm sendo registradas (gráfico 1), a taxa de atividade, representada pela razão entre a PEA e a PIA, apresentaria trajetória ascendente, uma vez que haveria incorporação de indivíduos à força de trabalho pela atratividade dos salários, diferindo do comportamento observado (estabilidade até o final de 2013, quando passou a declinar).

Como se sabe, o dinamismo do emprego e o seu desdobramento em ganhos salariais vêm redundando em diminuição das assimetrias de renda no País, tendo em vista que, em uma perspectiva da média, as remunerações do trabalho preponderam na composição dos rendimentos familiares, superando largamente as transferências previdenciárias e sociais e as receitas de patrimônio, e que os maiores aumentos dos valores gerados pelas atividades laborais vêm se concentrando nos estratos inferiores de recebimentos. Tanto é assim que a razão entre a renda média dos 10% mais ricos e o rendimento médio dos 40% mais pobres caiu, somente a título de exemplo, de 18,1 em 2007 para 15,4 em 2012, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

GRÁFICO 1 - RENDIMENTO MÉDIO MENSAL REAL DO TRABALHO PRINCIPAL E TAXA DE ATIVIDADE - REGIÕES METROPOLITANAS - JANEIRO DE 2008 A ABRIL DE 2014



FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal de Emprego

O problema está no fato de que a forte absorção pelo mercado de trabalho provavelmente não é sustentável, conforme indicam algumas variáveis econômicas, não raramente desprezadas por analistas de limitada amplitude avaliativa e defensores de

soluções sociais fáceis. Ademais, defronte das mudanças na distribuição setorial das ocupações, é duvidosa a qualidade de grande parte dos novos empregos, em termos de adição de valor, com repercussões sobre a produtividade e, em virtude do esgotamento do estoque de mão de obra não utilizada, a expansão do PIB.

Mais detalhadamente, o crescimento do emprego não vem sendo acompanhado de uma ampliação proporcional da capacidade do País de produzir, como reflexo da predominante geração de vagas em segmentos de baixo coeficiente entre o valor adicionado e o pessoal ocupado, que, por sua vez, está relacionada a um arranjo macroeconômico que prioriza o consumo e desestimula a poupança, o investimento e o comércio exterior, em especial as exportações de manufaturados. Nesse sentido, nos espaços metropolitanos pesquisados pelo IBGE, verifica-se que o número de ocupados na indústria de transformação declinou -3,3% nos últimos três anos (tabela 1), em oposição ao incremento de 2,8% no total de pessoas em atividades laborais, o que resultou em queda de um ponto percentual do peso relativo do ramo manufatureiro no emprego global, com a cessão de espaço aos serviços, em uma troca qualitativamente questionável e que seria aceitável somente em economias com renda *per capita* muito mais elevada, mesmo assim dentro de limites.

TABELA 1 - NÚMERO DE OCUPADOS, SEGUNDO ATIVIDADES ECONÔMICAS - REGIÕES METROPOLITANAS DE SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, BELO HORIZONTE, SALVADOR, PORTO ALEGRE E RECIFE - MESES DE ABRIL DE 2011 E 2014

ATIVIDADE	ABRIL DE 2011		ABRIL DE 2014		VAR. (%)
	Ocupados (mil pessoas)	Part. (%)	Ocupados (mil pessoas)	Part. (%)	
Indústria de Transformação	3.515	15,8	3.397	14,8	-3,3
Outras Atividades Industriais	1.857	8,3	1.899	8,3	2,2
Serviços	16.816	75,4	17.515	76,4	4,2
Outras Atividades	125	0,6	129	0,6	3,2
TOTAL	22.313	100,0	22.940	100,0	2,8

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal de Emprego

Diante disso, facilita-se a compreensão das causas do baixo dinamismo da produtividade do trabalho e do relevante excesso de demanda sobre a oferta, presentemente observados, que vêm levando a dependência crescente em relação à poupança externa e a níveis preocupantes de inflação. Nessa última questão, em razão da dissimetria entre os movimentos dos salários e da produção por trabalhador, com influência da leniência monetária, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) vem registrando taxas muito próximas do teto do regime de metas em períodos acumulados de doze meses, extrapolando a margem superior em segmentos dependentes exclusivamente da capacidade doméstica de oferta, como é o caso dos serviços.

Já no que se refere ao déficit externo, derivado do não acompanhamento da dinâmica de consumo pela produção nacional, limitada sobremaneira pelo fator trabalho, observa-se incômoda trajetória de ascensão, com o saldo negativo nas transações correntes passando de 2,26% do PIB, no início da atual gestão federal, para 3,61%, em doze meses encerrados em maio de 2014, o que seria muito preocupante não fosse o ainda elevado patamar das reservas cambiais, assegurado por condições internacionais favoráveis do passado recente.

Por tudo isso, não há dúvida quanto à exaustão da vigente estratégia de crescimento baseada na incorporação em escala de desocupados, viável enquanto o contingente de desempregados era elevado, e no incentivo exagerado ao consumo familiar e governamental, tornando necessárias mudanças na direção da impulsão da produtividade, variável fortemente influenciada pela qualificação dos trabalhadores, da ampliação do capital fixo e da inserção internacional, mesmo que as medidas sejam, em um primeiro momento, impopulares.

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

** Administrador, Diretor do Centro de Pesquisa do IPARDES.

¹ A taxa de desocupação nacional relativa ao mês de junho de 2014 ainda não foi calculada devido aos problemas técnicos ocasionados pela greve dos servidores do IBGE em Porto Alegre e Salvador.